

“AS SONORAS”: LAZER E SOCIABILIDADE NA PERIFIRERIA DE BELÉM-PA [BRASIL]. 1960 - 1970

“As Sonoras”: Leisure and Sociability in the Unprivileged Urban Areas of Belém-PA. 1960 - 1970

LUIS AUGUSTO BARBOSA QUARESMA¹, NATALIA ANDRIELLY TRINDADE ALFAIA², HELENA DORIS DE ALMEIDA BARBOSA³

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3p523>

RESUMO⁴

O lazer é vetor de sociabilidade, principalmente para populações em áreas periféricas das cidades. Tal é o caso de Belém, capital do Estado do Pará (Brasil), em especial dos bairros da Pedreira e Umarizal. O objetivo deste artigo é o de analisar a expressão cultural ‘as sonoras’, mais especificamente ‘A Voz da Sereia’, como alternativa de lazer em Belém, nas décadas de 1960 e 1970. ‘As sonoras’ estabeleceram redes de relações entre moradores da periferia, contribuindo para alimentar memória acerca dos bairros e da música. A partir de pesquisas bibliográficas, documentais, iconográficas e entrevistas com pessoas que conheceram ou participaram dos eventos promovidos pela Voz da Sereia. Observa-se que o cotidiano local dos anos 1970 e 1980, marcado pelas festas promovidas com usos das sonoras, constituía-se em elemento de lazer, informação e sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Evento; Lazer; Sociabilidade; A Voz da Sereia; Belém do Pará - PA, Brasil.

ABSTRACT

Leisure is a vector of sociability, especially for populations in the peripheral areas of the city. Such is the case of Belém, capital of the State of Pará (Brazil), especially in the neighborhoods of Pedreira and Umarizal. The purpose of this paper is to analyze the cultural expression ‘as

¹ **Luis Augusto Barbosa Quaresma** – Bacharel. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Currículo <http://lattes.cnpq.br/1918626182560698> E-mail: guto10007@gmail.com

² **Natália Andrielly Trindade Alfaia** – Bacharela. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5175852470354286>. E-mail: nataliaandrielly@yahoo.com.br

³ **Helena Doris de Almeida Barbosa** – Doutora. Professora Colaboradora e Pesquisadora na Faculdade de Turismo, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1262968603212396> E-mail: hdoris@ufpa.br

⁴ **Processo Editorial** – Recebido: 17 ABR 19; Aceito: 21 JUN 20.

sonoras', more specifically 'A Voz da Sereia', as a leisure alternative in Belém, in the 1960s and 1970s. 'Sonoras' established networks of relationships between residents of periphery, contributing to nurture memory about neighborhoods and music. From bibliographical, documentary, iconographic research and interviews with people who knew or participated in the events promoted by Voz da Sereia. It is observed that the local daily life of the 1970s and 1980s, marked by parties promoted with the use of sounds, constituted an element of leisure, information and sociability.

KEYWORDS

Event; Leisure; Sociability; A Voz da Sereia; Belém do Pará - PA, Brazil.

INTRODUÇÃO

O lazer enquanto produto social, vem ao longo da história, se rescrevendo no tempo e no espaço. Se configura como uma experiência cultural (Melo, 2003) fruto das relações sociais e dos embates do cotidiano das populações urbanas excluídas, marcadas pela falta de equipamentos de lazer e distanciamento do poder público. Belém, capital do Pará, cidade com 404 anos de fundação e 1.492.745 habitantes (IBGE, 2020), tem sua trajetória marcada pelo apogeu do ciclo da Borracha¹. Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, no âmbito da Belle Époque Belém se deparou com um processo de europeização a partir do qual a cidade passou a ser 'zoneada' para a modernidade e embelezada para uma elite.

Neste contexto as políticas públicas se direcionam para tornar Belém em uma Paris dos Trópicos (Sarges, 2000), e a cidade se estrutura como espaço de cultura e lazer pautado no binômio inclusão/exclusão (Figueiredo, 2008). A partir dos modelos capitalistas exógenos, a urbi passa a ser preparada e articulada para atender o outro e a pequena elite emergente enquanto a maioria da população local é colocada a margem de tal processo. Tal trajetória replica e consolida o que ocorre na maioria dos grandes centros urbanos, onde há uma concentração dos equipamentos e espaços de lazer que atendem os bairros mais nobres, em detrimento das periferias (Bahia et al, 2008).

Na tentativa de compreender como os moradores da periferia de Belém, reinventam seu cotidiano para o lazer, analisa-se a sonora A Voz da Sereia, enquanto elemento de aglutinação social e alternativa de lazer dos moradores da periferia. O objetivo foi compreender de que maneira os moradores de baixa renda nas décadas de 1960 e 1970, praticavam seu lazer, A sonora neste caso, se apresenta como uma das oportunidades de lazer desses moradores, a partir de festas que eram promovidas, resgatando o sentido lúdico das mesmas (Serpa, 2007),

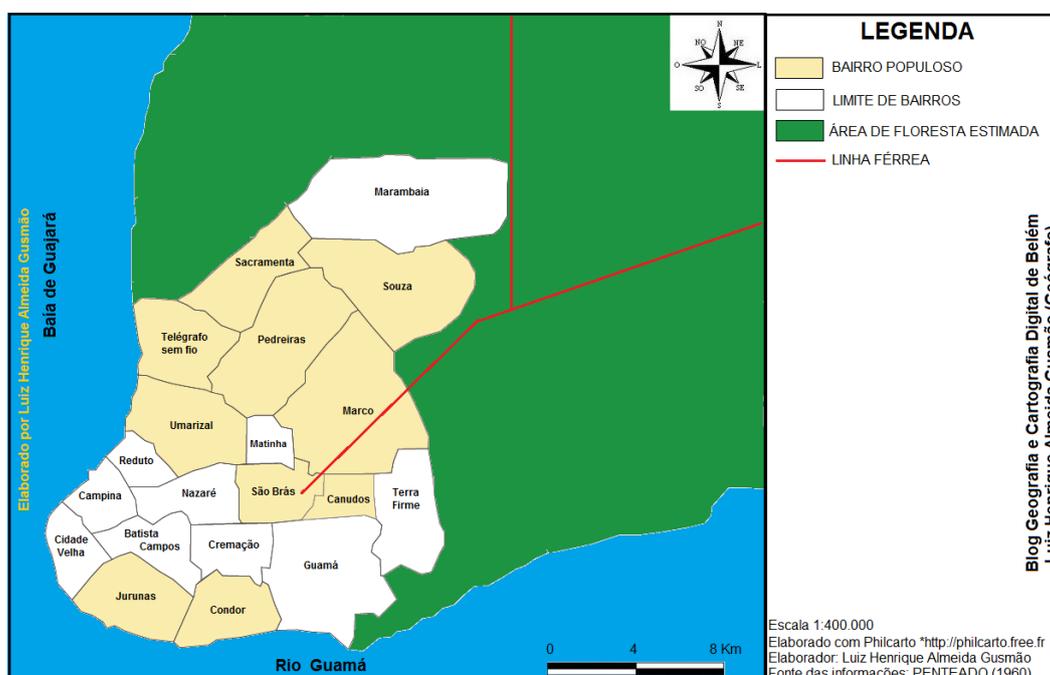
fortalecendo redes de sociabilidade de familiares, vizinhos e amigos, além de serem construtoras de memória cultural dos bairros.

A metodologia foi pautada em pesquisa bibliográfica, iconográfica e entrevistas com familiares e pessoas que conheceram ou participaram dos eventos promovidos pela Voz da Sereia. A partir de suas falas, pode ser observado o cotidiano dos bairros, as festas que envolviam a vida dos moradores e a multiplicidade de usos das aparelhagens nos eventos que circundavam a comunidade, constituindo-se elemento de lazer, informação e sociabilidade da época. Para se compreender seu papel como instrumento de lazer e sociabilidade, se fez necessário abordar a trajetória da música popular paraense.

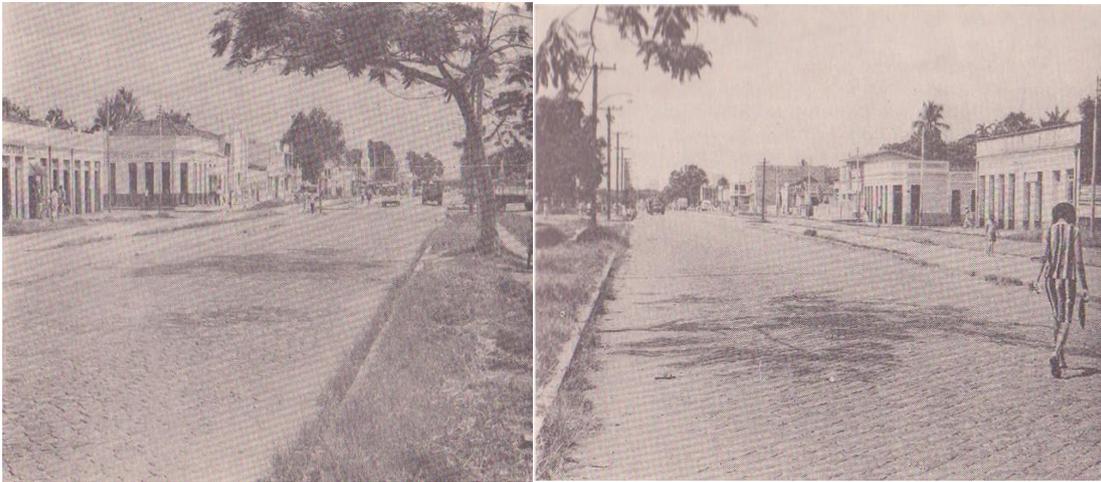
RESULTADOS

Belém, capital do estado do Pará neste momento era uma cidade em expansão para o interior [Figura 1] e contava com 360 mil habitantes. Os bairros Umarizal e Pedreira, são historicamente espaços periféricos da cidade de Belém [Figuras 2 e 3]. Eles se constituíram durante o período da *Belle Époque*, já que eram mais afastados do centro econômico e cultural da elite, locais de moradia de trabalhadores, operários e camadas menos abastadas da sociedade. Ainda que periféricos por seu afastamento e condições de seus habitantes, acabam por se tornar locais de grande diversidade cultural da cidade, visto que seus moradores desenvolvem estratégias de sociabilidade e manutenção de suas tradições, como os bumbásⁱⁱ, e as festas de santo,

Figura 1: Mapa da Localização dos Bairros de Belém, 1960



Figuras 2 e 3: Bairros do Umarizal e Pedreira



Fonte: Fragmentos (2018)

Se faz necessário inicialmente contextualizar o entendimento do conceito de periferia, utilizado neste trabalho. Utiliza-se tal termo a partir de Andrade e Marcelino (2011), que compreendem a periferia como espaço que se distancia geograficamente e estruturalmente do centro. Se constitui como produto de um processo excludente a partir da dinamização econômica do centro, através do qual a população de baixa renda se vê alienada de condições dignas de moradia, trabalho e serviços urbanos.

Tal processo pode ser enquadrado no que Silva (2016) apresenta em seu trabalho sobre a segregação social do lazer em Natal-RN ao afirmar que “toda e qualquer sociedade manifesta em pequena ou grande escala relações de segregação e estranhamento, onde pessoas de alguma forma não são ou não se sentem parte ou bem vindas em algum lugar - não encaixando-se no mapa cognitivo, moral ou estético” (p. 1) Impulsionando assim a formação de redes de solidariedades e conhecimento que fortalecem as periferias. Tais espaços são marcados na maioria das vezes pela ausência parcial ou total das políticas pública, que se concentram em atender as demandas dos centros sociopolíticos.

Com o passar dos anos, mesmo com um maior investimento do governo em tais bairros eles continuam a se constituir periféricos, visto que muitas das necessidades estruturais básicas como saneamento, acesso a saúde e equipamentos para o lazer são precários ou praticamente inexistentes. Durante as décadas de 1960 e 1970, com a Ditadura Civil Militar e os slogans de um ‘Brasil Grande’, surgem as obras faraônicas, para mostrar a população o progresso brasileiro. Mesmo assim tais bairros acabam esquecidos pelos governantes e continuam com precariedade em seus direitos sociais básicos, fazendo com que os moradores criem estratégias para driblar tais carências, principalmente as relacionadas a prática de lazer e entretenimento.

AS SONORAS: MÚSICA, LAZER E SOCIABILIDADE

A música sempre esteve presente nas atividades humanas, seja percebida como produto cultural erudito, seja como marcadores de momentos da vida cotidiana do indivíduo, como eventos religiosos e festivos, manifestações tradicionais e até mesmo a identidade de um grupo social. De acordo com Pinto (2001) "música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade" (p. 223). Neste sentido o Brasil, em função de sua sociodiversidade, apresenta um cenário diversificado de produção e uso musical, que ao longo de sua história social, segundo Napolitano (2002), vem se constituindo em um produto de conflitos, tensões, fusões, e encontros entre etnias, cidades e regiões que compõe.

No caso deste estudo, para se compreender o papel da Voz da Sereia como alternativa de lazer e sociabilidade em Belém, se faz necessário conhecer minimamente a evolução histórica da música popular paraense. Tony Costa (2013) destaca que o início do século XX é o momento do surgimento da música popular em âmbito nacional e local, mesmo que de forma marginalizada, haja vista o preconceito existente com relação a Região Norte, e de tudo que era relativo a ela. Como fatores preponderantes para o surgimento desse gênero musical estão a urbanização das cidades e a emergência de novas camadas na sociedade como grandes consumidoras dos produtos industrializados. A música emerge como uma nova necessidade destas camadas, com influências folclóricas, políticas e religiosas que se mesclaram criando assim um material musical que atinge a toda sociedade.

Pode-se dizer que a popularização da música tem seu embrião nos gramofones, que atraíam as populações menos abastadas para compras em lojas, funcionando como uma espécie de objeto responsável pelo marketing das lojas. Posteriormente a isso, durante a década de 1940 surgem os embates entre as rádios oficiais e o que chamavam de amplificadores ou alto-falantes que eram apenas responsáveis pela amplificação dos gramofones. Tal cenário no dizer de Costa (2013) gerou as rádios de subúrbio, rádios voltadas a população desses bairros com músicas populares, propagandas e programas que atendessem a população, muitos presentes ainda hoje nos subúrbios de grandes cidades, sendo conhecidas como 'boca de ferro'.

O surgimento das primeiras aparelhagens - ou sonoras - em Belém é posterior a Segunda Guerra Mundial, período em que a difusão musical aumentou em grande quantidade, como evidencia o Projeto Sonoro Paraense (2018), ao registrar que "é após a guerra que os 'sonoros' se estabelece em Belém oferecendo acesso a um novo meio de comunicação com diversos usos e aplicações, colocando-se à serviço de partidos políticos, empresas, associações civis e

organizações religiosas, entre outros” (s.p.). A partir de então, na década de 1950 mais precisamente, esses aparelhos passam a ser conhecidos como ‘*picarpes*’ ou ‘*bocas de ferro*’ e durante os anos de 1970 eles passaram a ser denominados de ‘*aparelhagens sonoras*’ ou apenas ‘*aparelhagens*’.

Como todo produto cultural, a música é uma construção social permeada pelo embate, diálogo, conflito e trocas, que de acordo com Melo e Alves Junior (2003), enquanto cultura, envolve valores, linguagens, manifestações, ritos, símbolos, relações sociais, disputas de poder e manipulações. No período compreendido entre 1960 a 1970, as aparelhagens em Belém tinham a função de divulgar as músicas que caracterizavam uma determinada região, por este motivo, inicialmente foram rejeitadas pelas pessoas mais abastadas, ditas eruditas e cultas, que as rotulavam como ‘*música do povo*’, pois ao se falar de identidade musical a heterogeneidade que circunda o universo musical se espalha de forma desenfreada, dificultando a aceitação imediata da mesma por outras classes e/ou culturas.

Após a mescla entre culturas, as músicas passaram a ser mais aceitas por diferentes classes sociais. E a compreensão dessa questão musical é essencial para o entendimento dos espaços, das festas e das pessoas que frequentavam as mesmas. Pode-se ter uma visão mais clara e objetiva desta afirmação, quando Antônio Maurício mostra que o brega [entendendo-se brega como estilo musical], se adaptava em cada ambiente onde era ‘utilizado’. “O brega possui, portanto, sentido multifacetado localmente [música para o consumo, eventos ligados ao lazer, evocação de identidade regional, etc.], articulado ao modo de vida das classes populares: nos padrões de comportamento familiar, entre vizinhos e amigos, em relações amorosas, em problemas e trivialidade da vida cotidiana [...] (Costa, 2004,p.60).

Tal adequação musical se refletia nos diferentes estilos musicais veiculados e o contexto onde eram apresentados, principalmente pelas sonoras, que se circunscreviam nos subúrbios. Dentre estas destacou-se A Voz da Sereia, de propriedade do Sr. Oswaldo da Graça Pinto [conhecido como Vadico ou Caciporé], uma tradicional aparelhagem de som que existiu em Belém. Esta, se constituiu em um elemento de agregação e lazer da comunidade, um elemento de informação e sociabilidade da época, além de difusão cultural. Com o passar do tempo e com o avanço tecnológico surgiram aparelhos mais modernos fazendo com que as aparelhagens diminuíssem de número, uso, importância, e desaparecessem, como confirma a senhora Elite Pinto acerca da aparelhagem de seu pai – a Voz da Sereia – “com o tempo meu filho, foram surgindo outras aparelhagens aí ele viu que estava na hora já” (Pesquisa de campo, 2014).

Nos dias de hoje o que se tem como meios de animação das festas populares em Belém, são as grandes aparelhagens como o Príncipe Negro, Super Pop e o Badalassom. Estas têm na sua essência a mesma filosofia da Voz da Sereia, no entanto, o aporte tecnológico confere um perfil diferenciado as mesmas, que normalmente tocam estilos musicais diversificados como o brega, tecnomelody. No entanto, as finalidades são pautadas com fins econômicos, diferente da proposta e atuação da Voz da Sereia.

É uma prática comum destas aparelhagens, também, a realização dos famosos *bailes da saudade*, que buscam rememorar músicas que são rotuladas pelos mais jovens como bregas antigos, boleros e música popular paraense e brasileira dos anos de 1960 e 1970, se constituindo em uma nova segmentação do mercado do lazer, e de resgate da memória musical. Como todo produto cultural, a música é uma construção social, permeada pelo embate, diálogo, conflito e trocas, que de acordo com Melo e Alves Junior (2003), enquanto cultura, envolve valores, linguagens, manifestações, ritos, símbolos, relações sociais, disputas de poder e manipulações.

Neste cenário a música se agrega e/ou é distanciada de determinados grupos e espaços sociais de muitas cidades, tendo seu uso e função vinculados ao lazer. Enquanto atividade multifacetada, o lazer enquanto prática social vem ao longo do tempo sendo reconfigurado como prática social associada a contextos sociais, políticos, ambientais e econômicos. Qualquer situação pode se constituir em oportunidade para sua prática. Segundo Teixeira (2007), o lazer é associado a um estilo de comportamento, podendo ser encontrado em qualquer atividade que traduza no praticante uma grande satisfação, distração, entretenimento, capaz de aliviar as tensões e eliminar o desgaste físico-mental produzido pelos compromissos cotidianos, no caso deste trabalho o mesmo está associado a música.

Para Gomes (2004), o lazer representa “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo” (p. 125). Depreende-se que o lazer proporciona satisfação, além de um simples desligar-se dos problemas comuns do cotidiano, é um carregador natural de energia muito importante para a vida social.

Gomes, Souza, Lacerda et al (2007) postulam que o lazer envolve quatro elementos inter-relacionados, os quais refletem as condições materiais e simbólicas que caracterizam a vida em sociedade: (a) o tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer; (b) o espaço/lugar, que vai além do espaço físico por ser um ‘local’ no qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de

encontro para o convívio social; (c) as manifestações culturais, que constituem as práticas vivenciadas como fruição da cultura e, por isso, detêm significados singulares para quem as vivencia; e (d) a atitude, que se fundamenta na ludicidade – aqui entendida como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade. De modo que o lazer direciona o indivíduo para a sociabilidade.

Dumazedier (2004) enfatiza que o lazer tem as seguintes funções: a primeira é a liberação e o prazer, enfatizando que “o lazer é reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas tensões resultantes das obrigações cotidianas e, particularmente, do trabalho” (p. 34). A segunda abrange o divertimento, recreação e entretenimento, sendo um mediador da disciplina social diante da evasão do cotidiano. A terceira função tem uma nova perspectiva atribuindo ao lazer um papel de coadjuvante no desenvolvimento da personalidade, que permite uma participação social maior e mais livre, além da formação prática e técnica, oferecendo novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais.

A sociabilidade é um dos aspectos que integram a prática do lazer, e quando este tem como elemento desencadeador a música a efetivação desta sociabilidade é permeada pela ludicidade e prazer. Muitas vezes as práticas de lazer, principalmente em áreas periféricas, são fruto da ausência de ações públicas com este fim, dando origem para a criatividade local a fim de suprir tais lacunas. A Voz da Sereia se enquadra neste perfil. Enquanto iniciativa popular, buscou o que se contrapunha a um modelo elitista de lazer e de musicalidade, levou para o subúrbio de Belém a prática de um lazer cultural, sem restrições de público e/ou de espaço, fomentando a sociabilidade e integração de áreas da cidade que se sentiam excluídas.

A música associada ao lazer confere à população na época, o uso de fato e de direito das cidades. As práticas culturais se fortalecem e são redinamizadas, a sociedade se organiza e se percebe como sujeito, que devem ser coparticipes das ações de lazer em suas cidades.

Participar deste circuito, então, pode ter vários significados como: frequentar as festas, reconhecer seus locais de realização, saber os melhores dias da festa das casas que se conhece, estar particularmente inclinado a gostar de uma aparelhagem específica, estar atualizado com as músicas e paços de dança de sucesso no momento, estar familiarizado com os nomes de alguns cantores e bandas famosas, ouvir eventualmente algum programa de rádio ou assistir[...] (Costa, 2009, p. 61).

Assim era fomentada a sociabilidade, integração e consolidação do capital social (Putnam, 1999) dos bairros periféricos consolidando suas capacidades de confiança mútua e de ações pautadas na coletividade.

VOCÊ GOSTARIA DE DANÇAR? A FESTA COMO MEIO DE SOCIALIZAÇÃO

Quando a prática do lazer é realizada associada às artes, mais especificamente à música, possibilita oferecer ao ser humano o novo ou uma nova funcionalidade à música, o conhecimento, fugindo assim do sedentarismo, com o objetivo de buscar motivações, interações e de voltar com novas experiências para a sua vida cotidiana. O lazer, portanto, deve ser percebido como a essência da *convivencialidade*, que permite a realização do encontro, do novo, das relações e da cultura. Também é visto como transformador cultural e moral da sociedade, ligado ao projeto humano o que “implica fundamentalmente no entendimento às necessidades físicas e psíquicas do homem” (Marcellino, 1995, p.37), destarte, difundir práticas de lazer, também é difundir valores culturais.

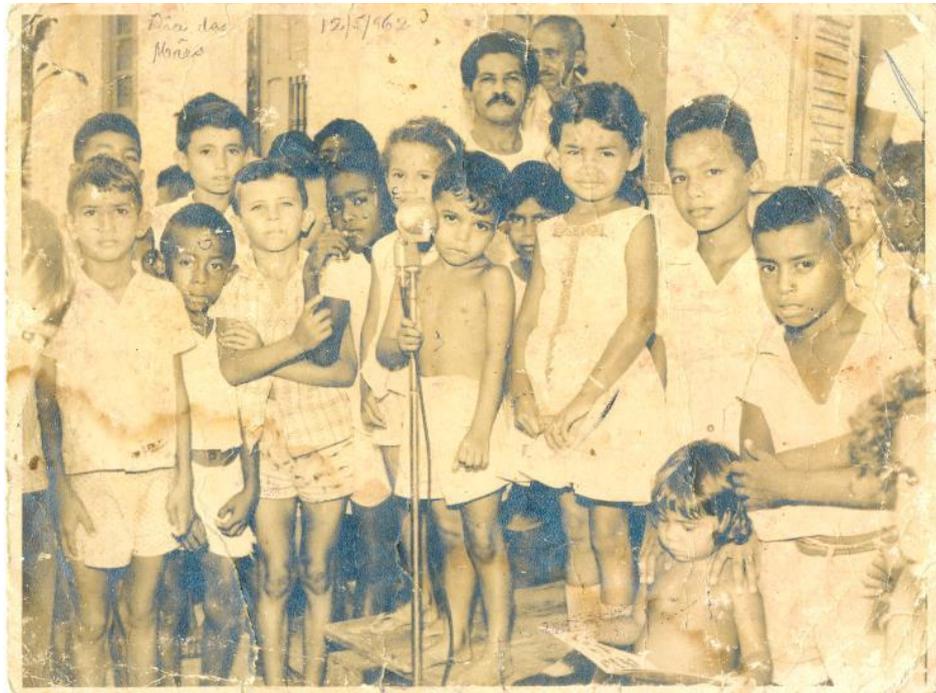
Foi o que se percebeu a partir da trajetória da Voz da Sereia, dinamizadora cultural e de lazer e, por conseguinte, de sociabilidade a parti de festas populares. Na entrevista feita com a filha do dono da sonora ‘A Voz da Sereia’ conseguiu-se ratificar tal afirmação, pois era comum na época que houvesse festas na rua de sua casa, na Trav. 14 de março, ou na Praça Eneida de Moraes, organizadas pelo seu pai, o Sr. Oswaldo da Graça Pinto. Morador do bairro do Umarizal em confluência com o bairro da Pedreira, conhecidos pela tradicionalidade dos festejos carnavalescos, dos moradores de médio e baixo poder aquisitivo e da boemia, sendo os festejos considerados momentos de lazer para os moradores locais.

Dia de domingo era comum o chamado ‘lazer’ entre as crianças. Como foi relatado, este era constituído de pequenas brincadeiras com o intuito de diverti-las, como corrida de saco, corrida com aro de bicicleta e o ovo na colher. Os participantes destas atividades, geralmente crianças (Figura 4), disputavam um vale picolé ou bombons como prêmio das competições. Além do ‘lazer’ existiam diversas festas que envolviam a comunidade e aproximavam os vizinhos, como por exemplo, os festejos juninos observáveis na fala da entrevistada:

Todo dia 13 de junho faziam uma festa. Aí, essa festa fechava, cercava, aí todos os vizinhos colaboravam. Como morávamos entre a Bernal do Couto e a Vila Coroa, era um quarteirão, menos de um quarteirão, parece que duas ou três casa não queriam participar. Aí ia todo mundo buscar ripa pra fazer o cercado, outros traziam aquelas palmeiras. A gente fazia bandeirinha, não tinha plástico, a gente fazia de papel de seda. Quando chovia ficava pingando na costa do pessoal, porque manchava. Aí, vamos dizer que eram oito casas, mas era menos. Por exemplo, na minha casa a mamãe fazia aluá, que a avó desse também fazia, que era feito com abacaxi e fica em infusão, vatapá, caruru. Mamãe fazia só em casa, bolo de macaxeira, bolo de milho. Era feito tudo do dinheiro dela, do papai, aí os parentes vinham todos, mas vinham todos e cada vizinho fazia na sua casa, mingau. Tá entendendo, que recebiam os parentes, ali dançavam, ficavam dançando até tarde (Pesquisa de Campo, 2016).

Percebe-se o estabelecimento de uma rede de reciprocidade e sociabilidade que se estruturava a partir do Sr. Vadico, uma gama de relações se estabelece e a apropriação da cidade pelo seu morador, o que também é analisado por Falcão (2018), na atualidade no Rio de Janeiro e Barcelona.

Figura 4: Sr. Vadico em uma das festas para as crianças



Fonte: Acervo da Família

Partindo da premissa de Tönnies (1887) de que existem três tipos de comunidades, a consanguínea referente aos familiares, a de espiritualidade referente aos amigos e a da localidade referente aos vizinhos. Estes são ligados por interesses ou objetivos em comum. Pode-se perceber que a interação entre os vizinhos fez com que a sonora acabasse se popularizando nos bairros da Pedreira e Umarizal, ligando assim a comunidade através de uma rede de sociabilidade que se aglutinava e se fortalecia sempre que havia algum festejo ou evento promovido pela mesma. Como exemplo disso pode-se citar os festejos de Carnaval em que alguns blocos de rua procuravam os serviços da Voz da Sereia para animar as famosas batalhas de confete da Pedreira e do Umarizal, o próprio Rei Momo de Belém, chamado popularmente de 'Cuia', os procurava, como diz a senhora Eliete:

As festas de Carnaval, vinham os blocos de sujos, escolas de samba e ele era convidado para alegrar. O finado 'Cuia'- acho que você já ouviu falar - era o rei momo de Belém. E pra contratar o papai era: "olha Caciporé tátátá.." e o papai ia, todo tempo [...] o Cuia era muito amigo do papai, quando tinha qualquer coisa nessa praça, quando tinha Carnaval, ou era circo, qualquer coisa ele ia lá em casa e contratava "bora Vadico", "bora Caciporé, eu quero que tu vá tocar" [...] ele recebia

na porta de casa na época de Carnaval os blocos de coisa, ele botava o alto falante na porta de casa, botava a caixa na sala e tocava música de Carnaval e enchia lá em casa, fazia festa de Carnaval (Pesquisa de Campo, 2014).

As festas não eram apenas um circuito de difusão musical, elas eram também o produto das relações que existia entre uma vizinhança e/ou um bairro. Fazendo uma análise geral, pode-se configurar essa interação entre a vizinhança como um circuito, não do brega como Antônio Mauricio (2004) propõe, mas sim, um circuito de lazer e socialização. Através das festas de aparelhagens havia uma grande interação entre as pessoas da vizinhança da Travessa 14 de Março e dos bairros da Pedreira e Umarizal, sempre mediados pela presença de 'A Voz da Sereia' nos eventos e festividades.

Esta prática vem ao encontro do que é colocado por Joffre Dumazedier (2004) acerca da prática do lazer no século XX na França. Este afirma que em função da desigualdade do crescimento de sua prática em todas as camadas sociais, esta dificuldade acaba limitando o desenvolvimento quantitativo e qualitativo do lazer em determinados locais e para determinados grupos. No caso de 'A Voz da Sereia', ele vem justamente suprir a partir da agregação de amigos e família, as necessidades na área do lazer, direcionadas ao subúrbio belenense nas décadas de 1960 e 1970.

Além dos eventos da comunidade dos bairros circundantes, a sonora se fazia presente também em eventos de cunho religioso. Percebe-se então que o sagrado e o profano estão sempre atrelados um ao outro (Serra, 2009), o que é reforçado pela presença da aparelhagem na festa de Nossa Senhora da Conceição, como informa a entrevistada:

A gente ia pra Castanhal, pra estrada, a tua vó cansou de ir, e Dindinha, Festa de Nossa Senhora da Conceição ele levava e ele levava no caminhão, porque naquele tempo não tinha ônibus, nem carro de frete, era aquele 'pau de arara' aqueles caminhões que tem aquelas tábuas assim você senta, ele gostava muito, ele curtiu muito, Deus o livre, ele tinha o maior carinho (Pesquisa de Campo, 2014).

Pode-se perceber então que gosto por música, festas e a interação com a comunidade foram fatores muito importantes na vida de seu Oswaldo da Graça Pinto para que comprasse e utilizasse a sua sonora em todos os eventos que envolvessem o bairro. As ações promovidas pelo Sr. Oswaldo se constituem em algo importante não só para sua vida como para os moradores locais, e que podem ser apontadas como lazer de fato, a partir das propriedades do mesmo, como apresentadas por Camargo (1986) como sendo escolha pessoal, gratuidade, prazer e liberação. Pode-se inclusive afirmar, de acordo com os entrevistados, que para o próprio organizador tais ações se constituíam também em momentos de lazer. Prova disso é que ele deixa de lado as festas organizadas para a comunidade, somente a partir do momento

em que novas a tecnologias e novos aparelhos ganharam espaço na sociedade e se popularizaram.

Mesmo assim, ele não deixou a música de lado em sua vida, esta continuou se fazendo presente em todos os seus momentos. De acordo com a Sra. Eliete, sobre o que seu pai deixou de herança desta prática, ela afirma:

Ele deixou tudo assim de bom, a gente ia, eram sadias as festas. A gente ia, sabia que não ia ter nada, não ia ter briga, sabe? [...] Então, eu posso te dizer que a criação boa que o papai deixou, muita coisa boa pra nós, viagens, o que eu posso dizer é que ele deixou uma saudade muito grande porque a gente convivia [...]. A alegria dele e vivia para fora o serviço dele, ele tinha prazer dessa aparelhagem e ele tinha muito carinho por essa aparelhagem [...] Então, meu filho, o que, o pouco que eu me lembro é tudo gratificante, uma coisa boa que marcou a nossa infância, nossa adolescência, porque o papai eu ia enrabichada pra ir pra todo canto. Mamãe não queria eu ia com ele, ela sabia que ele ia tomar conta de mim, nós íamos muito, aquelas festas aqui do bairro do Umarizal [...] (Pesquisa de Campo, 2014).

Percebe-se, assim, que a sonora perpassa por aspectos não só de interação das relações humanas, de agregação e sociabilidade, consolidadas pela perspectiva do lazer, como também, das relações afetivas e familiares "nos encontros". Apesar de todo o trabalho que envolvia o deslocamento de 'A Voz da Sereia' para *animar* tais encontros, o que motivava a participação do seu proprietário não era necessariamente o lucro pois nem sempre recebia por tal serviço, e sim o prazer e satisfação pessoal em agregar, alegrar e promover momentos de descontração e lazer à comunidade.

ENTÃO...

Através do presente artigo, buscou-se conhecer a memória de uma Belém dos anos de 1960 e 1970 quando os espaços de sociabilidade e lazer voltados para as comunidades e classes menos abastadas eram quase inexistentes. Neste período emergem as aparelhagens, como veículo de popularização da música popular, bem como de divulgação artística. Nos bairros da Pedreira e Umarizal as 'aparelhagens sonoras' ou apenas 'aparelhagens' ou 'sonoras' - destacando-se neste cenário 'A Voz da Sereia' - foram de fundamental importância para a divulgação da cultura, sendo: rejeitada, adaptada e depois aceita por diferentes classes sociais, para então tomar grandes proporções,

Além disso, percebe-se que através das aparelhagens revela-se um cenário das relações sociais através das festas, no qual os personagens se envolvem como em um circuito cultural que se retro alimenta, a partir do momento em que os parentes, vizinhos, amigos e outros, se manifestam apoiando e participando dos eventos em busca do lazer. Percebe-se o quão instigante é esta temática e que muito há que se pesquisar ainda sobre a mesma, sendo

importante para a compreensão da dinâmica cultural e social da cidade de Belém em um passado não muito distante.

As festas promovidas pelo Sr. Vadico não eram apenas um circuito de difusão musical, eram atividades de lazer que envolviam os mais diferentes sujeitos que tinham em comum a necessidade por espaços de lazer e ao mesmo tempo eram invisibilizados em periferias que se constituíam o contraponto a uma metrópole emergente. A Voz da Sereia estabelece um circuito de socialização e lazer, pois, através das festas promovia uma grande interação entre as pessoas da vizinhança dos bairros da Pedreira e Umarizal, sempre mediados pela presença da música.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. P. de & Marcellino, N. C. (2011). O lazer, a periferia da metrópole e os jovens: algumas relações. *Licere*, 14(2), 1-17. [Link](#)
- Bahia, M. C., Costa, M.C., Cabral, D.M. & Caravelas, D. (2008). Os espaços e equipamentos de lazer das cidades: o caso de Belém. In. Silvio Lima Figueiredo (Org.). *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. pp. 59-78. Belém: NAEA.
- Camargo, L. O. L. (1986). *O que é lazer*. São Paulo: Brasilense.
- Costa, A. M. D. da (2009). *Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: Eduepa.
- Costa, T. L. da (2013). Música de subúrbio, cultura popular e música popular na hipermagem de Belém do Pará. Tese. Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. [Link](#)
- Dumazedier, J. (2004). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Figueiredo, S. L. Espaços de cultura nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação (2008). In. Silvio Lima Figueiredo (Org.). *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. pp.79-92. Belém: NAEA.
- F A U Laboratório Virtual (2018). Fragmentos de Belém: uma antologia da cidade. ITEC/UFGA [Link](#)
- Gomes, C. L. (2004). Lazer - concepções. In: C.L. Gomes (Org). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gomes, C. L., Souza, T. R. de, Lacerda, L. L. L de. & Veiga, R. T. (2007). Turismo e lazer: reflexões no contexto da pós-graduação stricto sensu, nessa área, no Brasil. *Anais... Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo São Paulo*. São Paulo: Aleph. [Link](#)

- Marcellino, N. C. (1995) *Lazer e humanização*. Campinas, SP: Papirus.
- Melo, V. A. de (2003). *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: Ibrasa.
- Melo, V. A. de & Alves Junior, E. D. (2003). *Introdução ao lazer*. Barueri-SP: Manole.
- Moisés, J. de O., Rios, M. M. & Barbosa, R. R. (2012). A manifestação bumba-meu-boi no município de Caxias-MA atualmente. *Anais... Fórum Internacional de Pedagogia*, Parnaíba-PI: Realize. [Link](#)
- Napolitano, M. (2002). *História & música*. Belo Horizonte: Autentica.
- Pinto, T. de O. (2001). Som e música. Questões para uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, 44(1), 221-286. [Link](#)
- Projeto Sonoro Paraense. (2018). História.
- Putnam, R. (1999). *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Sarges, M. de N. dos S. (2000). *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque: (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu.
- Serpa, A. (2007). *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto.
- Serra, O. (2009) O sagrado e o profano nas 'festas de largo' da Bahia. In: O. Serra. *Rumores de festa: o sagrado e o profano na Bahia*. pp. 69-112. Salvador: Edufba, [Link](#)
- Silva, M. J. V. da (2016). 'Cada um no seu quadrado': evidências de segregação socioespacial (turistas e residentes) nas práticas litorâneas de lazer no destino Natal-RN. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 6(1), 22-39. [Link](#)
- Teixeira, S.M (2007). Lazer e tempo livre na terceira idade: potencialidades e limites no trabalho social com idosos. *Kairós*, 10(2), 169-188. [Link](#)
- Tönnies, F. (1887). *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Losada.

NOTAS

ⁱ Período conhecido por Belle Époque, indo de 1870 a 1915 em que a economia da borracha promoveu intensas modificações econômicas e estruturais em cidades amazônicas.

ⁱⁱ Também conhecido como Bumba meu Boi ou Boi Bumba, Moisés, Rios e Barbosa (2012, p. 4) o apresentam enquanto uma manifestação folclórica, "Como forma de crítica á situação social dos negros e índios, que combinaram elementos da comedia, drama, sátira e tragédia, aspectos remanescentes da cultura europeia e africana, mesclando com os costumes indígenas que demonstram a fragilidade do homem e a força bruta de um boi".